

LOBA-HURÁCAN-EPONA

(Continuum)

LUIS SERGUILHA¹.
lf.serguilha@hotmail.com

2 ATOS

(entre os “mastros azuis de Pollock e as ondas de Kanagawa”)

_____ A inflorescência de SORGHUM ramifica-se até ao DRAGÃO-de-Komodo (autonomia encantatória do ritual _____ e o ourives-leitor-em-pasmo desvia-se para acontecer na mutação de Chinampa: a multiplicidade regenera-se e antecipa-se no vórtice da improvisação de Kandinsky)

A IMERSÃO-EMERSÃO-mutante-ritmável de JORMUNGAND

¹ Luis Serguilha; Poeta, crítico e ensaísta, suas obras são: O périplo do cacho (1998), O outro (1999), Lorosa e Boca de sândalo (2001), O externo tatuado da visão (2002), O murmúrio livre do pássaro (2003), Embarcações (2004), A singradura do capinador (2005), Hangares do vendaval (2007), As processionárias (2008), Roberto Piva e Francisco dos Santos: na sacralidade do deserto, na autofagia idiomática-pictórica, no êxtase místico e na violenta condição humana (2008), KORSO (2010), KOA'E (2011), Khamsin-Morteratsch (2011) estes cinco últimos em edições brasileiras. Seu livro de prosa – Entre nós – é de 2000, ano em que recebeu o Prêmio de Literatura Poeta Júlio Brandão. Possui textos publicados em diversas revistas de literatura no Brasil, na Espanha e em Portugal. Alguns dos seus textos foram traduzidos para o espanhol, inglês, francês, italiano, alemão, catalão e finlandês. Participou em vários encontros internacionais de arte e literatura. EXPERIMENTADOR das LEITURAS POÉTICAS-METAMÓRFICAS-LAHARS. É responsável por uma coleção de poesia contemporânea brasileira na Editora Cosmorama e Curador do Encontro Internacional de Literatura e Arte: Portuguesa. E-mail: lf.serguilha@hotmail.com

O TOLDO migrante no GIGANTESCO vidro opalescente onde o leitor renasce nos fragmentos de KALIN-NAZCA ____ hipnótico machado-semi-lunar apontando os perpétuos hinos solares de AKHENATON

1 ATO ____ LOBA-AQUIRAZ: feroz cicatrização na corda-bamba do labirinto, sua estirpe de imensas estirpes são galerias na perplexidade conturbadora das ventanas, são chicotes-violeiros dos aquíferos, são irradiações mutantes do FAUSTO-MEFISTO e as vidraças rasantes dos hiatos orientam os acrobatas da mastreação até aos núcleos externos do transe onde as trilhas genitais se cortam entre o hibridismo dos holofotes dos ouvidores das trompas-mesooceânicas: os úteros dos seus sufocamentos explodem linguisticamente até ao espírito mantra, aos ecos de Ariadne, aos arcos periféricos dos abrigos. É a dinastia dos galopes-coriáceos num palco da petrologia-em-suspensão. É o teatro de Komisarjevsky nos mergulhos de pesquisa secular(um tubarão-baleia é cronometrado pelas laminas-das-raias: eis a víbora siamesa sob picadas-alucinógenas) e a traçante mandíbula fortifica as batidas dos vestígios dos garimpeiros porque a inscrição do zoólogo retrança-se na lufada dos gatilhos da própria cicatriz-da-viagem-corporal. A Loba zarpa nos diâmetros do vendaval formando camaras de flutuação(os radares das tecedeiras ostentam os carrosseis do caos e os rodopios das artérias castram-se nos vagidos das próteses dos ciclos da mineração: ossatura hidrográfica detonando as matracas da vociferação dos arquipélagos e a enxada do ideograma infiltra-se no aço dos uivos como um vórtice de moluscos(um solfejo retorcido nos andaimes atlânticos. Outro solfejo fragmenta-se como um eco nas oficinas carbónicas): ESCORIAÇÕES nómadas perseguem os clamores das avenidas-das-rochas-ácidas como uma atadura de cadências apavoradas num alvéolo de carótidas(linhas de montagem bruxuleiam na rastreação das córneas-da-metalurgia), os ápices panegíricos da URASAU batem nos bebedouros bicéfalos, a concentração das Lobas nos aeroplanos sinuosos desmantelam a linguagem do raciocínio porque a palavra-fagulha se une às variações migratórias dos covis-oraculares: a acrimónia envidraça os anfiteatros da hidrovía e a drenagem amolda-se no compasso das telas em forma de sopro que tenta recuperar os moldes do galope através do GRIMOINE: vulcânicos gestos encadernam as emboscadas nos porões do dramaturgo e as rédeas das premonições onde as goteiras do instante-em-decúbito afogueiam a mudez do mundo: muda-Loba-Loba-muda a transformar o cordame da aparição-genitália em ruínas das lavadeiras, em percussões da astronomia: atingir a incerteza entre o espectro e o desaparecimento e revestir a hospedagem com a visitação da gagueira dos mapas interiores (as sentenças fecham a Loba em si mesma, a golfada da língua é a Loba-covil em si mesma, excrescências alucinatórias e o espelhismo é turbulento, o olhar é um espasmo do olhar, uma estupefacção a dissipar-se no esplendor dos sentidos, a lapidar-se nos silêncios da escrita onde o uivo se dilacera e se reintegra no lugar de uma fenda em contractura: o uivo incandesce-se na sufocação, no sofrimento, no rigor e desmancha-se na fisionomia antiquíssima das dádivas):

Niels Henrick David Bohr: Loba-Átomo nas vidraças perdidas e radiantes. Loba na transição das órbitas e as persianas são serpentes-QUANTUM a derramar tutanos de interrogações numa linha de desdobramentos luminosos. Coalescências e migrações entrecortam-se fulminantemente numa marcha infinita. Um grito. O simulacro reconcilia-se desenraizado de várias existências, de várias possibilidades onde o desastre do excepcional pulsa no povoado dos vultos que partilham os diamantes dos vulcões e a Loba notambúlica ilumina-se sobre a incerteza da inexistência e as entradas que esperneiam nos minerais devoradores de Max Ernst-Crevel-Desnos- Éluard-Magritte: restituir o uivo ao acontecimento que antecipa o metal do espanto na simbologia dos escombros e outra Loba-LezamaLima-

Perlongher-Girondo- Huidobro, escreve dentro de nós como uma criança com síndrome de pânico a intensificar a procura do território da escritura: incêndios das vitrinas a enforcarem os cargueiros dos trópicos transitórios com os núcleos rasurados do alfabeto helenista. Adivinhação dos pássaros nocturnos: radiações vertebrais entrecortam as garras da retaguarda-da-terra e há aqui uma expectativa asfixiante, uma ofuscação do incomunicado como tentáculos a blindarem as irrupções indecifráveis das lâmpadas dos moluscos e o sono-pesqueiro desmantela as rachaduras hesitantes dos hospícios: hospícios das tarântulas de todos nós: obstinado ópio da intuição e da deslembança nos ângulos reminiscentes da catástrofe onde os testemunhos dos cárceres são estranhezas a criarem vocábulos vulcânicos, vácuos incineradores sobre a epiderme mutante das efigies dos matadouros electrónicos: ziguezagueante ventre das mitologias a estetizar os aposentos bacteriológicos e a desordem repassa entre subterfúgios ininterruptos: a LOBA declara o indizível, esconjura e aproxima as omoplatas dos vídeos dilacerantes. Perfura o obscuro, atravessa os barbantes sísmicos dos séculos: assiste ao rinoceronte da diferença que está nos antípodas dos museus convalescentes: uma Loba-vulcanóloga é a hemoglobina da vida ausente, a insurreição vacilante que desofusca as matilhas da dor: a dor-revolucionária do animal: animal-pavio na senda astrofísica:

o projectil das partituras imobiliza-se dentro da cabeça onde uma tempestade-de-alarmes rastreia os formigamentos de Miró-Ematta-Duchamp-Sade-Poe-Mallarmé-Baudellaire-Lautréamont, ENTRE a gigantesca curva fluviátil de Heraclito e as sonatas dos travesseiros-pontas-de-lança que implodem nas virgulas-crocodilo do mundo: electricidade do grito a estimular as antecâmaras dos tratadores das pegadas de hienas e nos apêndices monocórdicos circulam fotografias dos fósseis dos suicídios (as dedicatórias das silhuetas eclipsam-se na pintura-da-pintura e no refinamento da loba-leopardo: os látegos periféricos das peregrinações incrustam-se no ergastulário, nos micro-filmes, noutros chicotes antípodas e os testamentários obcecaram-se nas estâncias geométricas das infusões aracnídeas): gigantescos teatros engolfam a entesadura dos seios dos painéis: seios da fogsidade e da exuberância como fagulhas simuladoras de trincheiras a rodopiarem sobre o despenhadeiro que expõe o corpo, o corpo evanescente, o corpo pára-raios, corpo arruinador dos lemes, corpo-lúzio do abismo a refluir nos telescópios: olho-corpo-Loba no cume e no prolapso esboçando a enigmática oscilação da amnésia: o trajecto evulsivo excita as cartas das estremaduras e a Loba é já uma inclinação do abismo, a sócia da ocultação, da eclosão dos avatares: o uivo distingue a luz e lança ofuscamentos onde a Loba se desencaminha para ser linguagem, para realçar o alvoroço, as luminárias dos ferrolhos da carnadura. A Loba nadadeira da vida e do presságio, evita a fuga porque não existe o lugar, existe o arco dos plantadores-ENOCHIANOS (deslocação da sementeira hip-hop-jazz, da vergasta antropofágica na zebra verbal de NUYORIAN POETS CAFÉ): superfície timbrada-acústica crava-se nas dobraduras concêntricas das estações e a voz intermediária-cubo-futurista-de-Velimir Khlébnikov grava-se nas protrusões de Tristan Tzara e a Loba arrasta as lanças sónicas para buscar o acontecimento nos losangos do COVIL: Vitrak-Apollinaire-Elliot-Cummings-Vallejo-Celan

LOBA-Wolfgang Paul: indomados iões suicidam-se na observação e o COVIL renova-se e resguarda-se até à pausa impaciente: O CAVALO acaba por reflectir a derradeira energia da sua génese. Os anelos iluminam os subúrbios dos muros. Enérgicas exposições latejam até aos tremores das medidas da turfa rumorejante. ACONTECE o esplendor electromagnético.

A Loba acontece interligada com a irrupção que germina na língua, na poesia da rua e incorpora a impetuosidade dos cânticos interiores-exteriores como um devaneio-pensamento que povoa o corpo-outro, a incisão-outra: esta atadura-interferência de ritmos exalta a arte como a vida, como

lavra atractiva ou composição do território da origem-impermanência(barbatanas entrelaçadas nos tijolos vasculares dos ancoradouros ou clorofilas anfíbias nas obstinadas radiografias das traqueias parabólicas): o uivo é um mercúrio-intransitório que se arruína e perfura as latências das ossaturas, é uma envergadura das migrações a colapsar na estremeção das cristaleiras dos epitáfios: cicatriz audível atravessadora das hemisféricas crateras.

Os rastros-dos-uivos vagueiam na incompreensibilidade, nas polainas de , Francisco de Goya-Henri Fussil-Gaspar David-William Turner e os uivos escamam-se nos marcos geodésicos, dilatam-se no tempo, espacializam-se no desconforme, aguilhoam e anestesiavam simultaneamente os elevadores vertebrais e os batuques cutâneos: eis o uivo-GRATTAGE a desocular as extensões gnômicas, os bípodes-falsários como um intervalo de imutabilidades entre os xadrezes espontâneos e as confissões divergentes(recreios transversais na errância do uivo-mundo; o uivo é verdadeiro e fascina-nos no simulacro porque deseja. Uivo-uivo na arquitectura da aproximação que se fortalece ao consagrar-se nas vertigens , ao interseccionar-se nos espaços do teatro mágico como uma adrenalina anatómica a transfigurar-se: uivo-molecular que alimenta o sangue-sangue da constelação, que se entrecruza no ensaio-treino do corpo-cénico-incessante-acrobata-mímico): enérgico alvéolo da gestualidade no transe das entranhas da encenação onde um centro anfíbio se movimenta e se embala nas ânforas tectónicas da musculatura: des-acoplamento dos tumultos nas trilhas do corpo: um outro-uivo-elíptico da corporalidade: o verdadeiro cântico do universo é o plagiador-uivo do próprio-uivo: cogumelos do improvisado sobre a matemática do idioma-uivo e o uivo se transforma num algoritmo, num golpe de rotações, de anzóis-estímulos que transmitem a decomposição geológica-do-absurdo em dicionários silabários: o uivo-babel na configuração do covil fragmenta-se e esculpe-se em desvios , doadores-de-máscaras para prolongar as lunações das dramaturgias no caosmos: os cenários das plateias solares são eixos anestesiados pelos pântanos-herbários e os sopranos interferem nas vértebras luminescentes das panteras-quase-uivo-catatónico-quase-Eugene Delacroix-Arnold Bocklin-Brueghel-El bosco-Tintoretto

NERVO imperceptível mineraliza os ecos profundos dos ofícios e a sonoridade uterina é pendular nos azulejos infinitos das bibliotecas: a Loba amolda-se nas geografias de Ingmar Bergman: projectar os uivos nas flutuações da história: contornos e tumultos afiguram a devastação das origens onde as dublagens milenares interrogam a gravidade do escultor e da escultura: telepáticas composições a proliferarem nas reminiscências das tipografias e o UIVO é um universo inaugural que amplifica energicamente o crocitar dos corvos nos ciclos das estacas-das-sesmarias: princípios dos inventários, roteiros zoológicos na imanência do covil: cantos e soleiras do covil caçado e acossador entre a gigantesca córnea e os bisontes das sensações são o avesso do COVIL (liberdade da escrita, liberdade dos corpos-cheios-de-satélites e o uivo é a policromia corporalmente emprenhada nos itinerários, é uma alcateia que desfaz as armaduras, as trompas de febre: desatar e bloquear os sopradores onomásticos, amamentar cercaduras e fragmentações, deslizar no despojamento territorial e alcançar a alucinação dos gladiadores somáticos _____ O UIVO exercita-se num corpo pendular onde as linhas das rotas são gadanhas ulceradas ou saxofonistas-de-JANO-em-fluxo a costurarem os laçadores-siameses na desnaturação da história: o sinal do acontecimento que dilacera epicentros e mistura corpos-uivos ininterruptos como se estetizasse os acervos e as cavidades do grito de Ticiano-El Greco-Munch-Victor Brauner-Leonora Carrington-Rulfo)

LOBA-DAVID LINCH povoa homens-elefantes com o veludo azul e uma estrada perdida encontra-se nas sombras de um coração selvagem.

A leitar as goelas passantes e os oximoros das turbulências _____ o UIVO transfigura os cogumelos reconstrutores do rosto _____ apolíneo e dionisiaco _____ existência canina e FIGURAL-anguloso nas espessuras das saídas e o UIVO recombina-se infinitamente no significante mágico como passagens-evasivas, multiplicidades de fabulações, de perspectivas e a LOBA re-liga-se ao imaginário do seu próprio território, deslocando formas de vida geradoras de danças-gestos-linhas-de-signos: a força do covil recolhe as peugadas: eis a irresistível rebentação dos signos, a respiração inextinguível da linguagem: eis o covil ausente dos centros e das chegadas, ausente das serpentes iniciáticas e a LOBA ENLOUQUECE-SE porque desconhece a partida sonora e reconstrói o seu corpo num reflexo de visageidades plenas

COVIL-CY TWOMBLY-Pollock-de Kooning-Rothko-“A experiência trágica fortificante”Hans Hofmann-Arshile Gorky _____ a Loba evola-se ao reunir as fissuras plasmáticas dos horizontes e as pigmentações dos metâmeros estrondeiam como um revestimento abstracto a refazer os mitos da catástrofe: auscultar-OLHAR o rebentamento das espécies-nos-espelhos: a actividade da gesticulação fazedora de assombros e gotejamentos: mandíbulas gravitacionais entre os delírios das víboras e os lampejos das escamas(untar os archotes da perplexidade e os alvéolos irrompem da devastação dos labirintos encantatórios: fluutuabilidade selvática a vitalizar as copuladoras fluviais: fósseis em dissipação)

LOBA-catadora-de-MEDUSAS

2 ATO _____ A LOBA-ARQUITECTA das torrentes sinaliza auditivamente as oxidações dos fungos: corpo-CALIGRÁFICO de fragores unido aos dados dos tempos brancos-IRIDISCENTES da curiosidade, da ebulição lacrada nas escamas acústicas. Corpo-de-vestígios nos limiares da montanha-perspectiva onde os tocadores góticos despertam os rádios das Heranças e os arcos das cúpulas em devaneio-larvar. A Loba-das-residências-pendulares vacila nas longitudes das intempéries, nas pedreiras fervilhantes e os degraus medievais protegem os mastros dos museus aluviais porque os círculos das esfinges derribam os teoremas dos corvos, os trenós das encarnações edénicas. Os corvos das preces a purificarem as saliências dos carris, o afugentamento das cataratas, as derivações das acrópoles.

A catástrofe é um voo hipnótico, um voo de membranas a contaminar os presságios de Orpheu. Corvos esféricos. Corvos amoladores de precipícios. Encharcam-se de guelras estelares como rosáceas a transmutarem idiomas instantâneos. CORVOS TROVADORES. Corvos-ferroviários. Corvos-dos-solstícios. Corvos-babilónicos. A Loba e o Corvo no mamilo do vórtice-arborícola, nas narinas tipográficas, nos puxadores das furnas. Procriam no embate das concavidades. Nos fantasmas das terraplanagens. Corvos ensurdecedores entre as foices armoriadas e os calendários bifurcados. A habitação inacabável recolhe e desentranha as palavras da longanimidade, as palavras que fosforescem nos insectos, nas glândulas das constelações, nos cometas turbulentos (uma RODA DE ANTIBIÓTICOS sónicos DESBASTA os VIDROS dos prodígios e os pêndulos-roedores rabiscam as armaduras de um crocodilo-cristalográfico): a Loba restitui os reflexos aos peritos dos Placeres-Arenosos. Desprotegida entra no grito dos pulsos, na química das forquilhas, no chumbo da putrefacção como um trifólio sobrenatural a solfejar nas curvas de quem espera por alguém. De quem espera pelo corpo espantado. De quem se estanca nos charcos arteriais, na gravidade táctil e os casulos-dedos compulsivos desmantelam as paredes vingativas das ferragens, das multidões dos repórteres.

As paredes crepusculares que desvendam a estagnação dos bosques de Lawrence Ferlinghetti cambiam os cactos dos ecologistas(uma pedra sente a loucura dos lábios-no-mosto-em-sobressalto), as decomposições das anorexias da casa eclipsam as sambucas lúbricas e a embriaguez dos pecíolos atravessa o instinto das curvaturas do ventre. O ventre do oxigênio das labaredas(A LOBA despenha-se na distância alabastrina, cria a vertigem na bússola dos batentes de RHEA. Um dorso vertiginoso de placas tectónicas regressa à masmorra do relâmpago-phallus). Calcários multiseculares são incinerados pela hipnose da poética corporal e os hologramas abrem-se à causa-efeito da homotetia como uma desconstrução geográfica: kômos-estridentes levantam os espaços internos dos corpos-teóricos e os crocodilos porosos purificam as sinuosidades das litografias como transições das sibilas que pastoreiam nas autogéneses(hibiscos-tecelões dos ócios limítrofes e tudo é açaimado na fosforescência dos ícaros e a tangibilidade dos aforismos articula as hesitações epigráficas às cornijas da antecipação das úlceras dos códices): ESTOPA e madeira a alastrarem-se entre víboras tríplexes e GNOMOS DISFORMES _____ a monstruosidade acrílica preenche a desapareição com as hastes da semiologia-vinda-dos-pirinéus. Há uma sufixação cataclísmica. Há um historiógrafo dos anfíbios entre a crepitação-do-vácuo e o conhecimento das sombras. As sombras do muro-metaphysical _____ o que significa pertencer à mesma língua?: galeria do desastre ambiental ou bilros polinizadores dos falsários: emigração das heterogéneas tragédias: THOREAU na FISSURA entre a montanha sígnica e a materialidade _____ PIERRE JOUBERT na concisão do hai-kai-dos-peixes-aranhas, das cesuras umbilicais, nas epidermes intercessoras do DASEIN(esse estar-aí-no-HUMANO): MOZART, SCHUBERT, HAYDEN nos grãos dos batuques das pirâmides e as agulhas concentram-se nas infusões dos hospícios: BERG, QUIRINUS KUHLMANN, GOMRINGER _____ HUMANIDADE BIÓNICA, MICRO CLIP contaminado entre a anomia, o larvário, as vagens alienígenas, os esvazamentos das patologias e as curta-metragens dos roedores de hélices: KIKEERGARD dizia “ cada um de nós somos um búzio”: lembro ARNO HOLZ e a sua marinha barroca (a LOBA antropofagicamente é uma batedora de sublimações e há o ruflar dos esconjuros: _____ PROSCÉNIOMEREDITH MONRARNAUT DANIELOVÍDIOÉRIC BORDARMAX BLACKBRANCUSIMONDRIANJACQUELINEDU PRÉAGOSTINHODEHIPONAPERCISHIAVONMAYTANTGALLOSTORNPETER HANDKERUBAAIYATDEUMAR-I KHYYAMHAUSER COHNTODOROVGREIMASABBAUKRISTEVAMARIAANGELA ALVIM FRINKBRZESCANOGUCHIJACKKEROUACBOB DYLANJOHN DONNEJULES RENARDMKURT HOFMANND.H. LAWRENCEOSSIPMANDELSTAMGARCILASODELAVEGADANIL HARMSFRANKO’HARATHOMAS BERNHARDGEORGETRAKL MOSHENKOSHAMASHVERTOVPULECHOVLOUISE BOGANCURTIUS,MIRCEA ELIADECLARAANDERMATETIENE DECROUXMAYER HOLDHEISENBERGLUCTUYMANSLUCIEN FREUDANSELM KIEFERMAURIZIOCATELANPETER HALLEY, _____ lodaçal-de-tonalidades, de luzes exteriores, de frémios inexplorados a perseguir as contracções prodigiosas e os extravios das luminárias tónicas que anunciam as pregoeiras das trilhas ocultas, as abluções regurgitadoras: vazantes da neve-do-asfalto a proporcionarem os círculos-da-vertigem e os embarques das veias terrestres rascunham as trepidações da distância do “ciclope”: a superstição das viagens realça-se nas métricas das ágapes fotográficas e a lucidez pressente o diadema dos escapulários férteis como as iguarias do impossível a criar simetrias na sombra do silêncio, no ácido rasante dos lagartos: epígrafes ortografadas nas rédeas das pronúncias onde as retinas se engrenam na perturbação do córtex dum alfabeto de incertezas, de hálitos oceânicos. Broxa da superstição protege os rasgos na caixa-forte do nada onde um dinossauro transfere as bibliotecas, a cumeeira das pronúncias até às

disposições dos excertos dos asfaltos que se tresmalham nos corpos sequiosos da GIGANTESCA PÁGINA dos areeiros.

Rotações à deriva perfuram os alicerces asfixiantes das biografias das plataformas onde as marcas históricas dos começos devoram as comemorações eclipsadas das metrópoles-das-vozes e os bofes da estampagem devolvem a circulação da genealogia aos percursos das caudas das serenatas-das-ínsulas (roldanas a embaterem na ductilidade instintiva de Benjamin Péret-Paul Éluard-André Breton-César Moro e nos espaços ilustrados pelos abalos do isolamento onde as direcções das retinas pulsam como linguagens ressuscitadas): o olho nutricional da fronteira decifra o contorcionismo das serpentes como atiradores-de-vespas na vasectomia dos helicópteros-de-cobalto e o deslizamento frenético das falanges entrelaça as trompetas milenares nos fascículos do cataclismo inventados pelas bússolas das proas-purpurinas onde as circunferências das lebres são incrustadas nas envergaduras das tensões dos bazares que filtram as ferrugens das cápsulas, os arames sísmicos como uma fiação sugadora de abdómenes farmacêuticos _____ um heraldista em descompasso.

A sombra arde longamente nos tambores do covil. A sombra é uma interrogação do covil, move a estranheza, os teares do covil. É a clarabóia-das-encruzilhadas do tigre de Blake que se desfaz como uma superstição infundável, um rodopio do horóscopo, uma espiral de tegumentos: eis o espasmo a comprimir a letargia, a crueldade teatral das semanas da eternidade, do obelisco azul das cordilheiras: eis um enxame cinematográfico varado pela metalurgia do desregramento (as batidas de Serguei Mikhailovitch Eisenstein no levantamento das inclinações entre os descendentes da “commedia dell’arte” e os escombros da armação proliferam nos ecos dos chãos irascíveis onde os vocábulos, os atalhos, as vibrações se interconectam como uma antropofagia do “Outubro-couraçado potemkine” a projectar a ancianidade dos teatros. O alvoroço dos semblantes acelera-se num aeródromo de fenómenos e a corpulência dos compromissos focaliza-se nos chocalhos aleatórios como uma endentação-de-casas nos balanços das carnaduras que pronunciam andarilhos-com-impactos-insuperáveis(ruínas ancestrais depositam-se nas hipóteses dos gigantescos moluscos: espessura argêntea a dissimular os epitáfios das árvores, os chocalhos dos animais que se esquecem nas fendas imprevisíveis e a transmutação é curativa como uma mandíbula-vertical nos antípodas que protegem os ecos das bromélias entre os estilhaços das azagaias).

Transfiguram as pupilas da opulência em animalidades anelantes para lacerarem a magnitude das criaturas pendulares e uma mandíbula em contração descobre as pontilhações da cobra-coral como uma vergasta-do-olhar nas nervuras do instrumento das congeminações onde a violência suspende o mistério cavernoso do lampadário e a LOBA é uma área da origem sugada pelos símbolos-sonâmbulos, pelo cartólogo da perpetuidade (imprevisto dardo vegetal a gorgolejar nos cornos do arabescos, nos roteiros dos argonautas). Dentro da árvore o idioma solicita os órgãos luminosos como um alvoroço de TETHYS onde as caldeiras infinitas e as escadas globulares depuram as aspirações das matilhas. O ápice salino é um trompete dinâmico no azul-indigo entre o alfarrábio e o heliporto-châsak: vértebras-de-vidraças a circularem na península dos fazedores de ÚRSULAS. O incêndio de víboras-antimatéria atravessa as copas das sistoles-fotosféricas onde o lodo das catedrais dobra o metal das melopeias astrológicas. As térmitas tremem ao filtrarem os percursos das molduras-hipotéticas entre os resguardos dos mênstruos das espécies e as fissuras das louças que regurgitam nos jugos do semeador. O Gene de Imunidade-Heráclito encarna nos visores das óperas da catatonia, um guincho da matéria agiganta vagarosamente o acolhimento das lucernas de HELENE. Susana-NÁRNIA-Rabadash germina entre as Lanças interestelares que rebentam como tendões adversários da cravagem

como Haikais-zoom da nouvelle vague a talharem as oxitocinas da arqueologia de Kenneth Rexroth. Aracnídeos na inscrição da inércia e um horto cognoscível esboça-se nas insistências farenogâmicas: um grão fabricante de cruzamentos-de-latidos caminha nos planos da gravidade e um astro está no seu interior a soletrar entre as pleuras-das-ausências como o esquecimento das epígrafes a infiltrar-se nos reflexos da matéria (viagem eléctrica do precipício a compactar-se no hipopótamo liquido).

As patas das lobas-de-CASPIAN pressagiam os polvos da homeostasia como as TRANÇAS dos dínamos a atravessarem o seguimento dos retratos da lavoura-em-espanto e o balouço da refrigeração das lâmpadas hifeniza os coros das vértebras (quilhas do pensamento afastam-se e aproximam-se das fracturas, parecem escultores de hieróglifos circunscritos pelo vento BARUCA): batucada das sanguessugas no néon das sentenças dos anzóis da APNEIA, turbulência dos cenários placentários onde os gadanhos boreais pespontam as sondas sonoras dos nascimentos ARACNÍDEOS. Formigamento da interinidade idiomática. Bebedouro rolante a fragmentar-se par excellence e a anatomia-polar do jogo das válvulas harmoniza-se na crueldade erecta das medusas: cercam-se de alarmes os náuticos-alfabetos e um albatroz astrológico galopa sobre as ignições das medulas do sequestro das metáforas (paisagens de linguagens penetrantes espaçam a insulamento das mandíbulas ou das equações da LOBA-de-Hart Crane: HISTEROTOMIA ANTECIPADORA dos trilhos, das têmporas, do exílio, das garatujas dos canais, dos telegramas dos abismos da borboleta-alfa e um caçador de exposições-do-vácuo é uma escala da NEBULOSA-ANEL): estimular as picadas das ciladas, os interfaces das montagens e os besouros das miscigenações-das-vertigens como mudas das ressacas-check-in e moldar acontecimentos nas alvíssaras arqueológicas como um deslizamento fragmentário onde o claviculario-dador de Elida Tessler é safenado pelo contorcionismo da Loba-palavra: os estojos da tripulação detonam-se nos fósseis dos charcos e os mantos da via-férrea inovam os organismos jurássicos como vendavais no olfacto das mutações e um coyote da rodovia esquadrinha os reservatórios geodésicos onde os partos das migrações dinamizam os alicerces das antenas para retornarem à saúde dos faróis que perfuram os óleos dos tutanos dos escorpiões: os repertórios das vespas são as medulas dos mapas, parecem fagulhas estratificadas pelos ganchos-microfones dos expositores (os excrementos do ecossistema circulam nas narinas estelares e as sandálias pélvicas escabulham-se como argolas-de-uvivos entre os revestimentos dos peixes-voadores: linhagens de abrunhos e desbastadoras de cobras geram raízes rolantes onde os Lobos estruturam os VAPORES das manobras seminais: limpadores de borralhos estaqueiam as tensões das gralhas, as seculares álgebras para enfeixarem os calcários eléctricos na fluxão dos milhafres que mascaram as enxertias dos estorvos como filigranas de amiantos entre os monólogos dos lodos que abotoam os instrumentos colaterais dos colapsos ou serão narinas radiculares em riste sobre os grânulos-hipocondríacos das ravinas: SOMBRAS dos pêndulos nos coleccionadores de plágios).

As malhas do hipnotismo escoam-se geometricamente nos ecrãs petrificados e um cogumelo labiríntico sustenta os diques do serendipismo onde um carvoeiro se arboriza ao albergar as convulsões das dinastias ORBICULARES. Resta a crispação das meninges-vazantes, os dicionários dos prostíbulos, os anúncios dos CARRILHÕES, as polifonias dos desembarcadouros e a oscilação das ostras à tona de LETHE(esquecimento). Bachelard é colhido pelo transe dos touros-léxikon e a matéria dos desfildadeiros cerra-se para desemaranhar as pólvoras dos bichos onde as metrópoles se projectam como guas-labaredas a beberem as épocas do BURACO-NEGRO. A Loba inala a arrebenção do cadafalso da procriação e sente a alfaiataria infindável do zodíaco como uma constelação rectilínea: POMBA invernal empalhando a claridade e o sono experimental dos viveiros atinge a soberania dos gafanhotos dos caudais. O bicho é já uma vertente-de-virilhas dos azulejos.

Uma fibra das abelhas-apressadas-nos-espelhos. A LOBA está visível na estaca do fogo verbal. É molecular e incandesce num chocalho aritmético. É uma estratégia da resistência genética onde a estância conubial se manifesta perpendicularmente na odisseia das glândulas (um arado da colina forja-se entre os violinos planetários onde os leopardos são anestésias a transferirem lanternas para as ancoras do escurecimento

para os sorvedouros das insónias vasculares (quartzo panorâmico na zona zoológica onde tudo crepita até à ceifa das funduras): dinâmica do assombro a escorar a perscrutação dos uivos que polarizam as plenitudes dos ganadeiros (o esgotamento, a infixidez e a indeterminação agenciam as analogias do indizível onde a Loba se constitui ao atravessar a aventura da linguagem, ao dinamitar os remorsos sibilantes: infazível espécie impulsionada pelas batidas da palavra-que-é-uma-cicatriz-de-silêncios. Uma palavra de polimorfos-Lobas a balancear-se nas latências do assopro-do-precipício para reiniciar-se na performance da audição-da-noite: a palavra que se desdobra, se estorcega: eis a alienígena a abrir-se ao vespeiro-astral, aos alarmes dos ferradores dos mastros e ao mundo faunístico-*botanikós* de Giuseppe Arcimboldo).

Os claustros de forquilhas são fermentados pelos hemisférios da prestidigitação e uma herança de catástrofes é incrustada nos sebos dos centauros, nas nebulosas dos satélites DEIMOS-PHOBUS (cavalgadura do babadouro AURICULAR onde os electrões dos chifres encaham nas tecedeiras da ausência, nos centros dos puzzles uterinos e um vedador fraseado malha, traqueja, focaliza-se nas luminosidades dos corpos, nas emergências edênicas, nos maxilares do espanto). Que renascimento é este a construir elefantes centrípetos nas sombras arrebatadas das traduções criativas? As ondas-sónicas formam um BÚZIO de lâminas e de contorções de músculos-vaginais onde Telesto e Pandora pululam como deflagrações das clareiras-poliédricas: magnésios vigiadores de pirâmides-de-lúpulo são extraviados pelas ciladas-em-potência da DIAFONIA. As ROCAS de células do subsolo aromatizam a decomposição das audiências com os termómetros fecundos da catástrofe e a permanência monstruosa das incisões psicodélicas cai nos excertos anónimos da plenitude do mau-olhado onde as pestanas da morfologia-dos-sacrifícios hesitam para levitarem nos eczemas-cósmicos como um içamento de luras hidrossolúveis a pigmentarem o arsénico entre as mandalas dos vitrais.

Um pássaro-silenciador de parques-seculares bate nas profundas gorjas da demência, bate nas sentinelas das viseiras e decepa um arcabouço de pressentimentos porque ele é já um pressentimento, uma translação de caçadores biológicos: imensidade dos andarilhos das luminárias numa gigantesca fechadura de simulacros e os circuitos das LOBAS observam as a ininterrupção das escalas musculares, as maxilas imortais onde pulsam os ímanes dos úteros, os turbilhões dos poros, as curvas do vazio e a treva nutre as abóbadas do além-mundo, dos archotes das torres-rapinas, dos golpes dos trópicos: ferrolhos no incubamento das catadupas do ostracismo(garras soníferas como dobraduras flutuantes dos jaguares) _____ o FUSOR da heterogeneidade é já uma vertigem da imprevisível historiadora que colapsa na lisura da transfiguração sobre os alabastros do sangramento das MIGRAÇÕES de Aimé Césaire, Hino da obscuridade, dor intensamente coalhada, dilatação salina do tubarão da gravidade : há um estendal de subsistências, há uma serpente-de-hipérboles e ANAHUAC estilhaça as medulas-dos-écrans como escoadas lávicas de JEAN LUC GODARD a sitiarem as aguadilhas dos germes, a alastrarem os sôfregos das extremidades das escadarias, as áscuas submersas das paragens ovíparas. A Nebulosa-Anel inclina-se nos ofícios dos telhados, nas procedências das elevadas bateduras, nas circunferências das muralhas. Diz, golfo fantasmagórico: diz, gânglios nos trapézio das sonatas porque há uma projecção dos enxames arbóreos sob os editais da asa-delta SAFO-TEÓGINA. Um colo nos contornos da casa, a excentricidade sonorizada da lumieira, a invasão dos esboços das cítaras,

a eternidade do peixe-na-palavra e as exclamações corporais convergem na miscigenação-das-ANTAS onde as respirações das emboscadas são batidas pelos gatilhos da memória-vazante _____: bandarilha das embarcações entre a fleuma de AQUILES e as armaduras dos nadadores laceram-se nas alucinações dos espólios das mandíbulas invasoras de sinos geográficos (o astrolábio descaído é um hemisfério residencial abocanhado pela besta sísmica): abalroamento dos tóraxes da HOSPEDAGEM e um rinoceronte desvaira-se entre a ourivesaria barroca e as ligaduras cromáticas dos ideogramas: crinas periféricas em alta-tensão cruzam o verão dos camaleões prismáticos e o látex de SÓFOCLES oxida as latitudes das imensidades esporádicas como tratados sonantes de cereais num temporal de legiões cantantes, de búzios nítricos, de ilustrações envidraçadas, de líquenes sob a circunspecção do horóscopo e as cegueiras das ofídias-saqueadoras de cicatrizes ressurgem ensanguentando os mutismos dos equídeos como uma cor de gargantas expansivas a vacilar nos vestígios das bóias das esfinges. A cordoaria duplica-se na sofreguidão dos hidratos e a presença heptagonal dos utensílios trespassa o desaparecimento da respiração lexical como vísceras-mímicas a incinerarem as madeixas da enunciação dos embates-das-linhas-férreas(evaporação dos fios condutores a incrustar-se nos fragmentos das premonições).

A LOBA DESDOBRA-SE NOS ALFARRÁBIOS DOS TRIOS ELÉCTRICOS

O domicílio do cataclismo coordena os vocabulários dos vultos e transfigura os sinos-voadores da antiguidade em lanças da ciência milenar: as aranhas giratórias explodem nos sumidouros das virilhas andróginas porque existem gradações pré-fotográficas na evanescência dos morcegos dos pergaminhos, nas estações das centúrias, nos espelhos operísticos de Joana Sutherland: o porão das escrituras plasma-se nas empunhaduras dos tigres nodis-nirmal como geografias das tēmporas espaciais a incrustarem as cristaleiras das orfandades na asma-inercial. A natureza de MASAI MARA nos inter-rails passeriformes e os violinos universais enxertam a estranheza da existência dos copistas-epifânicos(mostrador dos esmeriles delirantes alcançam os pastos de MONTE HERMOSO) onde as rasuras das cosmogonias atam as pegadas velocípedes, os alaúdes sazoados aos trilhos dos embates luminosos das alfaias africanas(cadência silvestre a eriçar-se nas pulsações das galáxias de Léopold Sédar Senghor): sopro-chrónos-AION-RADIAL nos testamentos sonoros dos lenhos e os cardumes-LÉGHO injectam-se na ventilação da astralidade de TOULOUSE-LAUTREC para digladiarem as febres das esporas das trepadeiras(hemoglobinas adubam as cartografias das antas vivificantes das órbitas de NIÁGARA: gigantesco filamento entranhado na deslembração dos embalos das fainas maternas e uma flecha colossal hipnotiza a origem do fogo, a mente do isolamento, a evocação das fotogramas(LUZ LARVAR a cicizar, sangue das raias na adrenalina dos cristais) . Encontraram o alimento órfão do gelo. O lugar-global das pedras do sono. As inscrições flamejantes da encruzilhada dos reagentes das arquitecturas. O exercício da habitação abre-se como uma rosa na sonância primordial. Niágara luzente no pavão do poema e outra pássara da refulgência entoa-se íngreme como um pântano vocálico a estiolar na velocidade da aguarela. Refluxo na cidade do assombro, do zadrez deslizante das esculturas apologéticas ou assombração das larvas que balbuciam nos dialectos das trombeteiras)

Crânios moventes tracejam violentamente as rumações patológicas dos milénios e os fragmentos das sístoles-dos-arabescos inflamam as gadanhas dos anfiteatros com as pistas progenitoras dos pirilampos-alcalóides: a beligerância-rapina é uma correspondência de alvéolos-atmosféricos a esgotar-se nos soluços carregadores do rizoma-Anacreonte(os objectos faíscam no interior da planície como trenós de esponjas ininterruptas e as soldaduras inesgotáveis da areia curvam na pressão das bandarilhas hipotéticas _____ calcário da Loba, batentes da Loba, melopeia da

Loba.

Uma barbatana é ordenhada pela locomoção dos arbustos e a Loba-Huracán é uma potência craniana a transluzir nos obstáculos da meteorologia. Cérebro estelar sobre os laços das águias da colina e a fenda das vigiadoras de gôndolas-dos-meridianos ferve como um molusco sangrento, uma agulha invasora, um cântico alucinado. A Loba abisma-se centralmente nos azuis das laringes dos espelhos. Águas insondáveis racham a profundidade das estâncias, as sinistras revelações das estátuas e as correntezas dos holofotes esgotam-se nas extremidades do grito. O grito lactante. Exaustivo. O grito da hecticidade. Primitiva catedral a tremer no barro de TELESTO e o estoma lapida a dança dos óvulos do isolamento com as campânulas do auspício, com a alucinação das crisálidas onde a constelação é já uma placenta do precipício: o sono dos vultos explode nos fulcros espaciais:

(quartzo da transformação: eis a fractura lunar no vértice pasmado dos cenários carbônicos: crateras ópticas salientam os planos implacáveis da precipitação). O corpo cega-se numa rosácea de espaços, num cata-vento mímico. Uma esfera de guias-de-arquivos veda as encenações desvairadas dos vaticínios onde uma mancha móvel ressuscita os signos do sazonalamento.

É a linguagem da perspectiva da menstruação envidraçada pelos biógrafos marsupiais (o asselvajamento audível das grutas-da-labareda, o visor da maturação da morfologia que enlouquece como retiradas da MELATONINA a tactearem os sabres pendulares da celebração da HOMEOSTASIA, das gargantas brilhantes das epidemias que desatolam a linguagem temporal ou será um lanho-de-traqueias numa rotação de acrobáticas geografias, uma mancha de pautas eruptivas embrenhada nos alarmes pedestres? Ou serão bafos cavernosos na inteligência dos asteriscos, nos vapores caligráficos onde uma gigantesca entranha sonda a circunvolução ancestral _____ o homem das estepes coroa-se de roldanas, de ferrolhos esféricos, de despojos planetários, de papos dos bois radioactivos (as sonoridades hasteiam-se nos espectros dos cavalos-de-urânio onde um arcabouço-de-serpentes irrompe retorcido

como uma transpiração galáctica

como uma ilharga do sangramento tipográfico

(alabastros noctâmbulos grafam ervas arrastadas, ecos desorientados, biopsias dos canais, fórmulas das mutações, aos polarizadores de enguias-mentais e os ramais corvídeos engessam os puzzles cambiantes, a insânia do próprio espelho, para preencherem o sono dos golpes-dos-archotes-do-patafísico: o silêncio da flutuação é absorvido pelos detalhes do bocal venenoso: chocalhos da célula-tronco a espremerem as vestes das iguarias dos cenógrafos e o cérebro roda nos sinais bloqueados pelas raízes púrpuras) _____ a Loba perspectiva-se na intercorrência visceral. O chamamento do fulgor acena às espessuras das reservas celulares. O estendal é uma ofídia de iluminações e de enxofres a inaugurar os ganchos das cicatrizes dos relâmpagos (carburante fôlego da história das onomatopeias. O homem chumba-se com as olarias soberbas dos astros arteriais onde as lanças da temperatura decifram as voragens dos hortos **entre os “campos magnéticos” de Philippe Soupault**: recomeço das dissonâncias da clandestinidade, a poeira ruma na perplexidade das geografias extirpadas e recicladas pelos ricochetes da “rosa dos ventos”). O horto-homem desentranha-se do arbitrário, evapora-se nos destroços sanguíneos e a embarcação do horror estrutura-se num bebedouro de levitações. A trave do nevoeiro detona-se entre os poços expansivos e as cortinas das parábolas, a conflagração de Luís Cernuda: um vaso sacraliza-se na citologia dos uivos. A LOBA resguarda-se numa túnica de colmeias, nas ampliações do sal fálico e os gerânios do aguaceiro tacteiam-se nos simulacros hermafroditas onde o covil-arfante prolonga as operâncias das clepsidras como um crustáceo dos Himalaias.

O covil untuoso a desovar-se nos refugos dos êxodos: ombros agrários a rebentarem nas escoras das trombas dos insectos _____ uma vagina ciclónica unvida pelo parteiro indecifrável. Sonoro escorpião a mastrear-se como uma estirpe da cicatrização dos calendários. A Loba é o bólido. A textura vigilante da hospedagem. O utensílio do desvario, o arpão enfeitado enforca-se nas inaugurações dos covis. O esfolamento do rasto ciclópico sussurra nas antíteses dos auto-retratos e uma teia do improvável desmancha-se nas alergias dos vídeo-musicais.

E...FREYA sobre a tumba-dos-leopardos: re-escreve:

_____ O TOLDO migrante no GIGANTESCO vidro opalescente onde o leitor-LOKI renasce nos fragmentos de KALIN-NAZCA _____ hipnótico machado-semi-lunar apontando os perpétuos hinos solares de AKHENATON